



Baixo retorno afasta investidores de novos negócios em usinas a biomassa

ENERGIA ELÉTRICA

Caio Zinet
São Paulo
caio.zinet@dci.com.br

• O baixo retorno e o prazo apertado para a entrega de usinas movidas a biomassa têm afastado investidores dos leilões. Segundo especialistas, os investidores preferem aguardar um preço-teto melhor para alocar recursos em novos empreendimentos de energia.

No último Leilão de Fontes Alternativas (LFA), por exemplo, foi comercializada energia elétrica apenas de usinas a biomassa já existentes. Nenhum novo projeto credenciado no certame foi negociado. Para o presidente do

Instituto Acende Brasil, Cláudio Salles, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) estipulou um preço-teto muito baixo, o que comprimiu expectativa de margem de retorno financeiro.

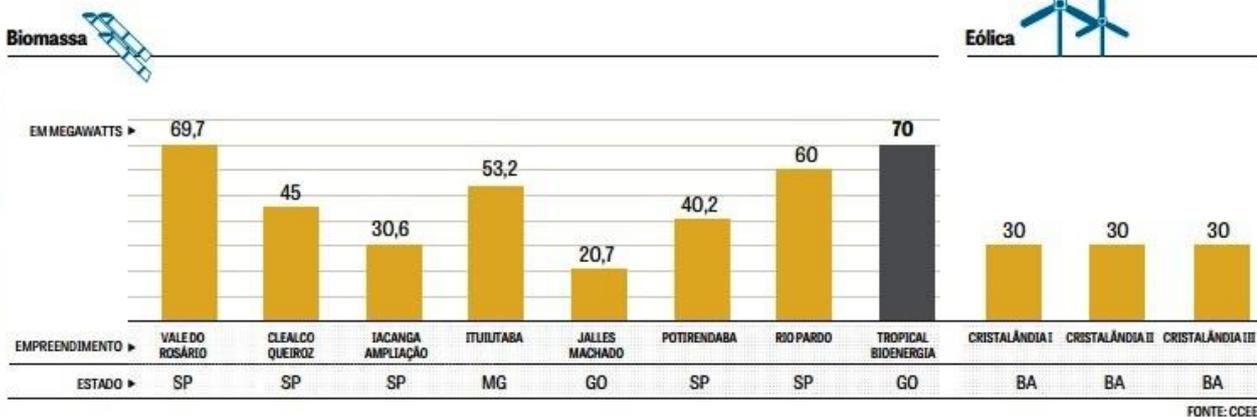
Dessa forma, os investidores que credenciaram seus projetos de novas usinas no leilão preferiram adiar os investimentos a espera de um preço mais adequado a realidade do mercado de energia.

"Pelo preço praticado [no LFA] é praticamente impossível construir uma usina térmica e por isso só se viabilizaram os negócios com projetos que já estão prontos", afirmou.

O preço-teto estabelecido pela Aneel no leilão realizado ontem em empreendimentos com fonte a biomassa foi de R\$ 215,00 por megawatt hora (MWh), dividido em dois produtos, o primeiro de usinas

BAIXA ATRATIVIDADE

Resultado do 3º Leilão de Fontes Alternativas (LFA), por empreendimento



novas e existentes com início de suprimento em 1º de janeiro de 2016 e o segundo para novos empreendimentos com início de suprimento a partir de julho de 2017. Apenas na primeira categoria houve negócio. Na segunda nenhuma empresa participou do leilão.

O preço médio de negociação na primeira modalidade foi de R\$ 209,91 MWh, deságio de apenas 2,37% ante o preço-teto. "A energia contratada ficou muito próxima ao preço-teto. Isso demonstra que as margens estão comprimidas até mesmo para as usinas já existentes", afirmou Salles.

Apesar do cenário ruim, representantes do setor estão confiantes de que o governo voltará a praticar preços mais próximos da realidade atual. A primeira sinalização nesse sentido foi dada com um pre-

"Esse preço inviabiliza novos projetos"

"As usinas já existentes têm pouca margem"

CLAUDIO SALLES, PRESIDENTE DO INSTITUTO ACENDE BRASIL

ço-teto de R\$ 285,00 o MWh para as usinas térmicas movidas a biomassa no próximo leilão A-5 que será realizado na próxima quinta-feira (30).

"Aos poucos o governo está atualizando os preços dos lei-

lões deixando eles mais próximos da nova realidade de custos do mercado. Alguns investidores devem, inclusive, ter esperado para apresentar seus projetos no A-5 por conta do maior retorno", afirmou o diretor do grupo Safira Energia, Mikio Kawai Júnior.

Prazo

Além do preço, outro fator que diminuiu a atratividade do LFA foi o prazo de apenas dois anos para construir e começar a entregar energia de novos empreendimentos. Para a presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (Albeeólica), Elbia Melo, muitos investidores decidiram esperar outros leilões com um prazo maior para entregar os empreendimentos. O prazo é o mesmo para geração eólica e a biomassa.

"Os prazos dos próximos lei-

lões são maiores do que o desse último LFA", afirmou.

Além da negociação de energia gerada a partir de biomassa, o LFA também comercializou energia de fonte eólica com início de suprimento em 2017. O preço negociado nessa modalidade foi de R\$ 177,47 por MWh, um deságio médio de 0,85% ante o preço-teto estipulado para o certame.

Ao todo, foram contratados 479 MW em energia eólica e de biomassa. O maior comprador foi a Eletropaulo, distribuidora do Grupo AES Brasil. A empresa contratou sozinha 7,633 MWh, de um total de 16,988 MWh. O montante contratado pela distribuidora paulista representa 45% do total ofertado.

A baiana Coelba comprou 8,6% e a Light arrematou 5,52%, a Cemig Distribuidora, 4,79% e a EPD 4,26%.

O baixo retorno e o prazo apertado para a entrega de usinas movidas a biomassa têm afastado investidores dos leilões. Segundo especialistas, os investidores preferem aguardar um preço-teto melhor para alocar recursos em novos empreendimentos de energia.

No último Leilão de Fontes Alternativas (LFA), por exemplo, foi comercializada energia elétrica apenas de usinas a biomassa já existentes. Nenhum novo projeto credenciado no certame foi negociado. Para o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) estipulou um preço-teto muito baixo, o que comprimiu expectativa de margem de retorno financeiro.

Dessa forma, os investidores que credenciaram seus projetos de novas usinas no leilão preferiram adiar os investimentos a espera de um preço mais adequado a realidade do mercado de energia.

"Pelo preço praticado [no LFA] é praticamente impossível construir uma usina térmica e por isso só se viabilizaram os negócios com projetos que já estão prontos", afirmou.

O preço-teto estabelecido pela Aneel no leilão realizado ontem empreendimentos com fonte a biomassa foi de R\$ 215,00 por megawatt hora (MWh), dividido em dois produtos, o primeiro de usinas novas e existentes com início de suprimento em 1º de janeiro de 2016 e o segundo para novos empreendimentos com início de suprimento a partir de julho de 2017. Apenas na primeira categoria houve negócio. Na segunda nenhuma empresa participou do leilão.

O preço médio de negociação na primeira modalidade foi de R\$ 209,91 MWh, deságio de apenas 2,37% ante o preço-teto. "A energia contratada ficou muito próxima ao preço-teto. Isso demonstra que as margens estão comprimidas até mesmo para as usinas já existentes", afirmou Sales.

Apesar do cenário ruim, representantes do setor estão confiantes de que o governo voltará a praticar preços mais próximos da realidade atual. A primeira sinalização nesse sentido foi dada com um preço-teto de R\$ 285,00 o MWh para as usinas térmicas movidas a biomassa no próximo leilão A-5 que será realizado na próxima quinta-feira (30).

"Aos poucos o governo está atualizando os preços dos leilões deixando eles mais próximos da nova realidade de custos do mercado. Alguns investidores devem, inclusive, ter esperado para apresentar seus projetos no A-5 por conta do maior retorno", afirmou o diretor do grupo Safira Energia, Mikio Kawai Júnior.

Prazo

Além do preço, outro fator que diminuiu a atratividade do LFA foi o prazo de apenas dois anos para construir e começar a entregar energia de novos empreendimentos. Para a presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (Albeeólica), Elbia Melo, muitos investidores decidiram esperar outros leilões com um prazo maior para entregar os empreendimentos. O prazo é o mesmo para geração eólica e a biomassa.

"Os prazos dos próximos leilões são maiores do que o desse último LFA", afirmou.

Além da negociação de energia gerada a partir de biomassa, o LFA também comercializou energia de fonte eólica com início de suprimento em 2017. O preço negociado nessa modalidade foi de R\$ 177,47 por MWh, um deságio médio de 0,85% ante o preço-teto estipulado para o certame.

Ao todo, foram contratados 479 MW em energia eólica e de biomassa. O maior comprador foi a Eletropaulo, distribuidora do Grupo AES Brasil. A empresa

contratou sozinha 7,633 MWh, de um total de 16,988 MWh. O montante contratado pela distribuidora paulista representa 45% do total ofertado. A baiana Coelba comprou 8,6% e a Light arrematou 5,52%, a Cemig Distribuidora , 4,79% e a EPD 4,26%.